MEMÓRIAS, RELIGIOSIDADE E DESENVOLVIMENTO URBANO: A PRESENÇA DO CONVENTO IPUARANA NA FORMAÇÃO DA CIDADE DE LAGOA SECA-PB (1942-1972)

*Kelyana da Silva Lustosa*¹

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar o papel religioso/cultural desempenhado pela presença do Colégio Seráfico de Santo Antonio (Ipuarana) na localidade de Lagoa Seca-PB, no sentido de compreender as influências da presença dessa instituição no espaço e na sociedade local. Para a realização do presente trabalho me sirvo, primordialmente, de fontes orais através entrevistas realizadas, tanto com ex-alunos do Colégio, como de antigos moradores de Lagoa Seca. Com relação à bibliografia, procuro dialogar com o livro *Tarimba*, de Elizângela Gerônimo dos Santos, além das fundamentais considerações do historiador José D'Assunção Barros em seu livro *Cidade e História*. Num primeiro momento do artigo, se discute o processo de constituição urbana de Lagoa Seca; num segundo momento, a constituição do Colégio Seráfico de Santo Antônio (Ipuarana) nessa localidade e, por fim, os pontos de contato entre a comunidade estabelecida no Seminário de Ipuarana e a população de Lagoa Seca.

Palavras-chave: Lagoa Seca; Ipuarana; Memória.

INTRODUÇÃO

As motivações para a escolha do tema e realização do presente estudo fundamentam-se no fato ser natural da cidade Lagoa Seca e verificar a ausência de historiografia relativa a essa cidade. Entendemos que o funcionamento de uma instituição religiosa, como qualquer outra, deve ser analisado a partir de sua profunda imersão no contexto e na vida da sociedade onde se encontra inserida – na interação cultural, na troca de saberes, nas relações humanas, de poder e de serviço entre esta instituição e a sociedade à qual pertence. Daí o interesse em buscar entender os reflexos da atuação do Colégio Seráfico de Santo Antonio (hoje Convento Ipuarana) na localidade de Lagoa Seca, à época, um pequeno povoado, que se desenvolveu a ponto de separar-se de Campina Grande, sendo emancipado como cidade em 1964. Assim, entendo a relevância de escrever sobre o Seminário de Ipuarana pela necessidade de registrar sua história e na intenção de contribuir com a produção historiográfica sobre a cidade de Lagoa Seca

A história oral é entendida, aqui, como um método de pesquisa que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram ou testemunharam acontecimentos,

¹ Graduada no curso de Licenciatura em História pela Universidade Federal de Campina Grande-UFCG. Email: <kelyanalustosa@gmail.com>.

conjunturas, visões de mundo². Acredito que a história oral é conveniente na medida em que abre novas perspectivas para o entendimento do passado recente ao possibilitar diferentes “versões” sobre determinada questão .

Neste sentido, são realizadas entrevistas com quatro ex-alunos e um ex-professor do Colégio Seráfico de Santo Antonio; três antigos moradores da cidade de Lagoa Seca, dois dos quais prestaram serviços no convento e um, que morou no convento por um ano como candidato à irmão leigo; e também, um frade que à 63 anos reside no Convento Ipuarana.

As entrevistas de história oral têm sentido na medida em que fazem parte de todo um conjunto de documentos que permitem compreender como indivíduos experimentam e interpretam acontecimentos, situações e modos de vida de um grupo ou da sociedade em geral. De modo que documentos escritos, imagens e outros tipos de registros são indispensáveis nessa reconstituição da memória pela oralidade. Neste sentido, além das fontes orais, utilizo a *Revista Santo Antonio*, Estatutos e regras internas da instituição, além de livros de memórias escritos por ex-alunos.

Se privilegia neste estudo, uma apreciação do fator cultural desempenhado por uma instituição religiosa (Convento e Colégio Seráfico de Santo Antônio) na vida de uma cidade em formação (Lagoa Seca), entendendo o funcionamento do Colégio Seráfico para além da religiosidade, logo, considerando o fator religioso como um espaço de produção cultural e de representações sociais. Uma vez que a religião é algo social e corresponde a determinadas condições históricas das sociedades, importa, neste caso, não tanto fazer uma abordagem das expressões religiosas dos habitantes de Lagoa Seca, mas sim, refletir como o desenvolvimento da cidade esteve atrelado ao desenvolvimento do Convento franciscano e o papel dos franciscanos na vida dessa sociedade. Assim, considerando que as crenças e práticas religiosas serviriam como meios culturalmente determinados de manter e regular relações humanas e analisar as relações estabelecidas entre o Convento e a Cidade.

² A respeito desse método-fonte-técnica Verena Alberti diz que “trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjunturas etc. a luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam.”² E destaca que o emprego da história oral como método deve levar em conta algumas especificidades como o fato de que só pode ser empregada em pesquisas sobre temas recentes, que a memória dos entrevistados alcance, bem como o fato de que o trabalho com a história oral constitui, desde o início, uma produção intencional de documentos históricos.

1.1 A CIDADE

As terras onde hoje está localizado o município de Lagoa Seca estão inseridas em uma região denominada de Brejo Paraibano, apresentando um clima ameno e solo agricultável, favorecido por várias fontes de água doce, fatores que contribuíram para ocupação do lugar³. De acordo com a historiadora Elizângela Jerônimo dos Santos, as terras onde viria a se desenvolver o município de Lagoa Seca pertenciam ao aldeamento dos índios Bultrins, da nação Cariri, que tinham sido trazidos para a Serra da Borborema pelos jesuítas da missão colonizadora do Pilar.

Após a expulsão dos jesuítas do Brasil, em 1759, os Bultrins retornaram para a missão Nossa Senhora do Pilar em Taipú, e as referidas terras, propriedade da Coroa portuguesa, passaram a ser ocupadas por algumas famílias. Alguns terrenos foram comprados por particulares, outros doados. Essas primeiras famílias começaram a desenvolver aí atividades econômicas, geralmente ligadas à agropecuária por se tratar, como já mencionado, de uma região propícia à agricultura.

Embora seja a presença de ocupação não agrícola uma das especificidades do fenômeno urbano, é possível considerar a formação da cidade de Lagoa Seca fundamentalmente ligada a sua atividade agrícola. Como ressalta José D'Assunção Barros (2012) em seu livro *Cidade e História*, a cidade também é um “produto da terra”,⁴ uma vez que toda cidade existe por obra de um excedente agrícola sem o qual seria inconcebível na sua formação mais remota. Tal imagem da cidade se aplica à realidade de Lagoa Seca.

Ainda segundo Santos (2007), o povoamento da localidade foi iniciado por Cícero Faustino da Silva, morador do Sítio Mineiro, que, vendo o movimento no caminho entre as cidades do Brejo e a cidade de Campina Grande, resolveu comprar quatro hectares de terra às margens desta estrada.⁵ Em 1929, Cícero Faustino da Silva construiu, no terreno comprado, uma Tarimba, como era chamado o local para vender carne.⁶ A carne da Tarimba era vendida aos tropeiros que viajavam para Campina Grande e sempre paravam neste local, e aos

³ A presença de grande número de lagoas na região também influenciou na denominação do nome da cidade: Lagoa Seca. segundo uma versão popular, a origem desse nome se deu por um fato ocorrido na Rua João Lourenço Porto, onde existia uma lagoa, que se encontrava sempre seca. Certo dia uma mulher bem vestida escorregou na lagoa e exclamou: "Como pude escorregar em uma lagoa seca!". Os comentários se propagaram na região, batizando o município. Antes de atender por este nome, também foi chamada de Lama da Gata, Tarimba e Ipauarana (devido ao um erro de grafia no nome Ipuarana, foi registrado dessa forma).

⁴ BARROS, José D'Assunção. **Cidade e História**. 2º. ed. Petrópolis, RJ : VOZES, 2012.

⁵ O terreno comprado por Cícero Faustino é tido como embrião de desenvolvimento da cidade, estava localizado onde hoje é o Posto de Gasolina, na saída para Campina Grande e o Hospital Municipal.

⁶ Devido a isso, a localidade ficou conhecida como Tarimba durante um tempo.

moradores dos sítios vizinhos. O negócio prosperou e outras famílias foram começando a povoar o local que logo foi considerado distrito de Campina Grande, e, posteriormente, elevado à categoria de vila.

Cinco anos após a construção da Tarimba, em 31 de julho de 1934 pelo interventor Gratuliano de Brito, Lagoa Seca recebeu o título de Distrito de Paz pelo decreto nº 531 [...] Em 15 de Novembro pelo também interventor Argemiro de Figueirêdo, segundo o histórico da prefeitura de Lagoa Seca, esta foi elevada à categoria de vila, tendo seu nome alterado para Vila de Ipuarana⁷.

O decreto que tornou a localidade vila também alterava o nome para Ipuarana, de origem indígena que significa IPU=lagoa e ARANA=ruim, seca. Mas tal denominação não foi bem aceita pela população que continuou chamando de Lagoa Seca.

Desde o início da povoação em 1929, a religiosidade era um fator marcante da população local, predominantemente católica à época. Tal era a preocupação com as práticas religiosas, que em Dezembro do mesmo ano da construção da Tarimba, Cícero Faustino da Silva ergueu também uma pequena igreja, ao lado de seu comércio. Mas com o crescimento da população, a igrejinha foi se tornando insuficiente para a quantidade de fiéis. E foi atendendo aos pedidos dos próprios fiéis que em 1935 foi construída, na rua conhecida como Morro, uma capela que tinha como Padroeira, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro⁸.

Santos (2007) nos informa que o terreno para a edificação da igreja também foi doado por Cícero Faustino, e a construção se deu sob a supervisão do padre Delgado, vigário de Campina Grande. Como Lagoa Seca pertencia à Paróquia de Campina, Padre Delgado era quem realizava as missas no distrito, até a chegada dos frades franciscanos que assumiram o trabalho pastoral na localidade.

Na condição de distrito, não só na religiosidade, mas também econômica e politicamente, Lagoa Seca dependia de Campina Grande. A economia girava em torno da agricultura e comercialização dos produtos era feita, principalmente, nas feiras de Campina Grande. A cidade foi emancipada em 04 de Janeiro de 1964, pela Lei nº 3.133, instituída pelo governador Pedro Moreno Gondim.⁹ O projeto foi do deputado estadual, Manuel Barbosa, mas uma parcela da população não queria a emancipação, como expressa a fala do senhor

⁷ SANTOS, Elizângela Jerônimo. **TARIMBA: Aspectos Históricos e Culturais de Lagoa Seca (1929-1969)** – Bauru, SP: Cana6, 2007. P 36.

⁸ Mais tarde, também essa igreja se mostraria pequena, e foi transferida para outra construção que até hoje abriga a Matriz da cidade.

⁹ Citado por SANTOS(2007) página 131.

João Anacleto, antigo morador de Lagoa Seca: “Manoel Barbosa foi que emancipou [a cidade], mas o povo não queria, João Jerônimo era um”¹⁰.

O Sr. João Jerônimo, citado na entrevista, tratava-se do presidente da Câmara de vereadores de Campina Grande à época, que foi morador de Lagoa Seca e se opôs ao projeto de Manuel Barbosa para emancipação de Lagoa Seca, junto com parcela da população.

Dessa forma, o novo município enfrentou dificuldades financeiras e administrativas, durante o período de transição política, pois Lagoa Seca não apresentava uma economia independente que pudesse manter a cidade, sem a ajuda de Campina Grande, e as querelas políticas se intensificavam na região:

Por Lagoa Seca não ter verbas para pagar a folha de pagamento das professoras, foi colocado um projeto de lei em Campina Grande para que a prefeitura quitasse a dívida de pagamento das professoras. João Jerônimo que era o presidente da Câmara de vereadores, votou contra o pagamento da dívida, salientando que tinha avisado à população de Lagoa Seca dos problemas econômicos que a cidade teria com a emancipação.¹¹

Podemos dizer que, mesmo após a emancipação política, em 04 de janeiro de 1964, Lagoa Seca continuou, em grande parte, condicionada à cidade de Campina Grande, principalmente do ponto de vista econômico.

O conceito de “retículo urbano” ou “armadura urbana” é abordado por Barros (2012) para dar conta de um conjunto de determinadas cidades pertencentes a uma mesma área geográfica, uma vez que a cidade estabelece relações com o campo circundante, mas também com outras cidades. Assim é que a cidade de Lagoa Seca se enquadra neste conceito por estar incluída na área geográfica da Cidade de Campina Grande e ter grande boa parte de seu movimento comercial condicionado pela rodovia que a corta.

1.2 O CONVENTO

Foi ainda na condição de Vila que Lagoa Seca recebeu os primeiros franciscanos interessados em construir um Seminário nessa localidade. A Província Franciscana tinha urgência em construir o novo Colégio para formar os frades, principalmente após o fechamento do Colégio de Bardel, na Alemanha, pelos Nazistas já que era de lá que

¹⁰ João da Rocha Anacleto. Depoimento concedido à autora em 10/06/2014.

¹¹ SANTOS, Elizângela Jerônimo. **TARIMBA: Aspectos Históricos e Culturais de Lagoa Seca (1929-1969)** – Bauru, SP: Canal6, 2007. p.132

provinham os religiosos para o Brasil desde 1893. Diante da urgência em conseguir outra fonte de frades, foi idealizada a construção de outro Colégio Seráfico que atendesse às necessidades da Província, que além de acomodar os frades alemães fugidos da repressão nazista, proporcionasse condições para se realizarem as atividades docentes, tal qual no colégio fechado da Alemanha. As atenções voltaram-se para o Nordeste brasileiro e o sítio de Lagoa Seca, à época pertencente à Campina Grande, mas distante do centro urbano foi escolhido como local ideal para abrigar o futuro Colégio.

A bênção da primeira pedra ocorreu em 28 de janeiro de 1940, e logo se iniciou a construção do Convento encabeçada por Frei Pedro, Frei Lamberto e Frei Manfredo, tidos como os três padres fundadores da comunidade franciscana em Lagoa Seca. A obra corria em ritmo acelerado e em janeiro de 1941 já estavam prontos os dois pavilhões e mais a dispensa e a enfermaria. A parte já concluída foi inaugurada oficialmente em 22 de Março de 1941, com missa solene, e recebeu os primeiros alunos. Eram 19 meninos provindos de João Pessoa, Campina Grande, Ipuarana (Lagoa Seca) e do Estado de Sergipe. Mas, ainda não eram do curso secundário, para o qual o Colégio se destinava. Esse curso só começaria a funcionar em 23 de fevereiro do ano seguinte, 1942, quando foi celebrada a solenidade de abertura do curso ginásial e secundário do Colégio Seráfico de Santo Antônio, com a transferência do restante dos alunos de João Pessoa para Ipuarana.

Em dezembro de 1940, Frei Noberto foi escolhido para fiscalizar a construção e ao mesmo tempo para ser o Padre Superior da Comunidade de Lagoa Seca. Assim, os frades franciscanos assumiam o trabalho pastoral na região, que antes era realizado pelo vigário de Campina Grande.

Com o Colégio já funcionando, as obras continuavam, cisterna, claustro do convento, com o primeiro andar e a fachada, a comprida ala do convento em direção ao norte, os dois anexos na parte de trás, com salões para dormitório na parte de cima, e na parte de baixo, oficinas de alfaiataria, sapataria... Na verdade, seria difícil precisar quando as obras do Convento terminaram, pois sempre havia novas alas, novos anexos a construir.

Mas a implantação de um projeto de tamanho porte, além de mobilizar a comunidade franciscana, também iria movimentar o pequeno distrito de Lagoa Seca. Na fala do senhor Pedro Anacleto, antigo morador da cidade, podemos perceber como o crescimento do Colégio Seráfico é associado ao crescimento de Lagoa Seca.

Lagoa Seca era pequena, ali era sítio, ali onde é o convento era tudo sítio, o padre que veio de fora comprou aquele sítio e começou a construir, parece que tinha apenas três casinhas naquele tempo. Ele pegou a construir e começou fazendo o colégio, a igreja, e foi aumentando aí depois começou a receber aluno¹².

A população de Lagoa Seca, à época em sua grande maioria católica, acolheu fervorosamente a chegada dos frades franciscanos. E nas entrevistas é perceptível que a população percebia a chegada do Convento como a oportunidade de abundância de padres para intensificar as práticas religiosas católicas, assim como as pessoas ligadas ao convento, como Frei Anésio, que também ressalta em sua fala que a região era carente de padres e com a chegada dos franciscanos passa a ter uma abundância de religiosos para atender, não só à população de Campina Grande e Lagoa Seca, como também as cidades circunvizinhas.

Ainda era uma região muito carente que não tinha padres pra celebrar aqui e de repente chegou logo 15, 16 padres, tinha padre à vontade pra celebrar nessas capelas, paróquias de Esperança, Alagoa Nova, Campina Grande, Puxinanã, São José da Mata, Montadas ...¹³.

Com o projeto de construção do Colégio vieram os frades que assumiram os trabalhos religiosos da capela e dos povoados, mas também veio uma fonte de trabalho para a região, pois o Convento precisava ser grande para abrigar as salas de aula, os dormitórios, a igreja e as oficinas, ou seja, era um grande projeto que também tinha pressa de ser concluído. Nesse sentido, era preciso muita gente trabalhando, e a mão de obra foi constituída entre a população local, como informa o senhor Noel Alves Monteiro, que trabalhou desde a sua infância no Convento:

Aquele convento ali foi construído por gente daqui, os pedreiros eram daqui, eu conheci muito um bucado (sic) deles...Os pedreiros eu conheci muitos deles. E os serventes, eram tudo gente daqui. Eu trabalhava lá muito menino, com nove anos como eu já disse¹⁴.

Desta forma, vemos que esse projeto empregava muita gente da própria região, pois era preciso de muitos trabalhadores, mas além dos empregados, tinham os voluntários, de modo que boa parte da construção do convento foi feita com a ajuda comunitária dos moradores da localidade, que se uniam em mutirões, geralmente aos finais de semana, para carregarem pedras e tijolos para a construção.

¹² Pedro Anacleto. Entrevista concedida à autora em 24/01/2014.

¹³ Frei Anésio. Entrevista concedida à autora em 28/10/2013.

¹⁴ Noel Alves Monteiro. Entrevista concedida à autora em 14/01/2014.

Agora era muito rápido o serviço, num sabe? Que era muita gente trabalhando, era muito pedreiro. O mestre de obras era um velhinho pequenininho, mas muito talentoso, ele não deixava ninguém brincar de jeito nenhum era muito sério, chamava Manoel Salviano¹⁵.

Quanto aos recursos para o custeio da obra, o dinheiro era arrecadado das missões realizadas no Nordeste brasileiro, onde os padres missionários percorriam vários lugares, pregando e recolhendo esmolas para as vocações. Como todos os esforços da Província, no momento estavam voltados à construção do Colégio Seráfico de Ipuarana, todas as outras Casas existentes deviam contribuir para o sucesso deste empreendimento, mandando verbas. Também dos Estados Unidos vinham esmolas coletadas, Frei Sebastião Evers que lá residia, enviava para as vocações brasileiras.

Pelo fato de terem sido padres alemães os fundadores do Colégio, muitos dos habitantes crêem que a construção teria sido financiada por dinheiro vindo do exterior, como podemos ver na fala do senhor Noel:

Eles construíram aquele convento todinho com dinheiro da Alemanha. Eles não tiveram esse negócio de pedir esmola a ninguém de pedir ajuda pra construir não...Veio todo de fora o dinheiro¹⁶.

Este pensamento se reflete na fala da maioria dos moradores entrevistados, mas os depoimentos dos ex-professores e ex-alunos fazem questão de enfatizar que o custeio da obra foi proveniente do Brasil, das missões no Nordeste e doações, tendo em vista que, neste momento, a Alemanha não estava em condições de contribuir financeiramente em virtude da Guerra europeia.

Estava em guerra e justamente, não veio nenhum tostão da Alemanha. Todo esse dinheiro veio daqui, arrecadado aqui da Bahia ao Maranhão tinha umas cinco equipes de missionários, e todo aquele dinheiro que os missionários ganhavam nas missões ia tudo pra Recife que era a sede da província. E aí com esse dinheiro foi construído isso aqui¹⁷.

Enquanto a comunidade franciscana se estabelecia em Lagoa Seca, a situação na Europa se agravava com o desenrolar dos conflitos da segunda Guerra Mundial, mas o Brasil ainda se mostrava indefinido no conflito, até que em agosto de 1942, depois do afundamento

¹⁵Noel Alves Monteiro - idem, ibidem

¹⁶Noel Alves Monteiro. Entrevista concedida à autora em 14/01/2014.

¹⁷Frei Anésio. Entrevista concedida à autora em 28/10/2013.

de navegações brasileiras por submarinos alemães, o presidente Getúlio Vargas declara guerra contra os italianos e alemães. Em agosto daquele ano, seis meses após ter sido inaugurado o curso ginásial e secundário, no Convento ainda em construção, essa comunidade seria alvo de hostilidades.

A inesperada presença de alemães na região gerou desconfiança por parte da população que não conhecia as razões desses estrangeiros terem vindo parar ali, e em meio à eclosão de uma guerra na qual o Estado brasileiro e o alemão lutavam em lados opostos, os alemães ali presentes foram vistos por parte da população como inimigos.

Na cidade de Campina Grande, ocorreram depredações a propriedades pertencentes a pessoas de nacionalidade alemã, e também alguns se puseram em marcha para o distrito de Lagoa Seca a fim de atacar o convento fundado pelos franciscanos alemães, mas segundo depoimento do professor Cícero Agostinho Vieira, a população de Lagoa Seca teria se unido para impedir tal ato, e proteger o convento.

Uma coisa muito interessante que eu lembro daquele Convento ali era os padres na carreira tudo piriri priri piriri se escondendo do Exército na época da Alemanha, da guerra em 1944, isso eu me lembro como que eu tô vendo hoje[...] aí quando eles viam qualquer um, se eles visse um amontado(sic) a cavalo ele não tinha nem conversa, o convento já tava meio grande, ele saía que saía medonho se escondendo dentro do mato com medo, mas eles não andavam nem pra perseguir, andava pra ver se tinha algum estrangeiro aqui disfarçado de padre ou seja lá de que for pra prender né, eles tinham medo era disso¹⁸.

O relato do senhor Noel expressa como um fato inusitado os frades alemães se esconderem do exército por medo de serem confundidos com nazistas disfarçados. Pois, para a população local, a guerra era algo externo que não atingia de forma direta o curso de suas vidas, a não ser que fossem convocados pelo Exército, como ocorreu com alguns moradores: José Moises da Silva, José Vicente, Antonio Cabral da Silva, Francisco Arruda, José Polucas de Araújo e Luiz Manuel de Araújo. Mas o medo de ser confundido com um nazista não significava para um agricultor de Lagoa Seca o mesmo que significava para um padre alemão em terras brasileiras.

Segundo a Crônica do Convento Ipuarana, no dia 21 de agosto de 1942, sexta-feira, houve rigorosa busca realizada em todas as dependências do Convento e Seminário, à procura de material comprometedor, em particular de uma estação clandestina de Rádio-Difusora, mas nada foi encontrado.

¹⁸ Noel Alves Monteiro. Entrevista concedida à autora em 14/01/2014.

Após a entrada do Brasil na Guerra, em 22 de agosto, nova busca seria feita pelo delegado de polícia acompanhado de policiais e civis, no Convento, onde os padres e irmãos de nacionalidade alemã ficaram detidos por três semanas, sendo vigiados por soldados.

No dia 16 de setembro os soldados de polícia que aqui estavam receberam ordem de se recolher ao quartel e no dia seguinte, festa De S. FRco Chagas, recebemos licença para deixar o convento¹⁹.

Mas, os desdobramentos da guerra e a presença dos alemães nessa região mexeram com o imaginário da população local, muitos acreditavam que os alemães estavam construindo o convento ali, numa localidade do interior paraibano, para se esconder da guerra, pois estariam sendo perseguidos. Daí, também provém os mitos sobre a existência de porões e túneis embaixo do prédio do convento que serviriam de abrigo, caso eles fossem encontrados.

1.3 O CONVENTO E A CIDADE

Analisar a cidade como um elemento da história cultural, é percebê-la não só nas suas funções, mas no papel social de seus grupos, seus aspectos culturais, ritos e seu universo simbólico. O prédio do Convento Ipuarana constitui para a cidade de Lagoa Seca o que Barros (2012) chama de “marcos visuais”, tratam-se de chaves de identidade e referência simbólica do lugar, seja para os que vivem nela como para os que passam ou visitam.

Podemos afirmar que o convento, durante o período de atuação do Colégio, funcionava como uma espécie de cidade à parte da cidade. Não se tratava de uma instituição criada pela sociedade lagoasequense, e sim um elemento estrangeiro que se estabeleceu aqui. É claro que uma instituição, seja ela qual for, não pode existir isolada da sociedade. Mas, quando se trata de uma instituição religiosa e uma casa de formação para padres, é preciso se considerar o pressuposto de certo distanciamento, principalmente de uma vida cidadã, considerada cheia de vícios e libertinagens. De acordo com o senhor Cícero Agostinho, ex-aluno e professor de Ipuarana, nos anos iniciais, os alunos seminaristas não tinham muito contato com a população local.

Eram mais restritos ao Colégio, depois, foram se abrindo para ajudar no catecismo e aquela coisa toda; os alunos também ajudavam os frades, aqueles alunos mais

¹⁹ Crônica do Convento Ipuarana 1940-1975.

velhos, mais adiantados. Mas basicamente, vinham para estudo mesmo, pesado, para o trabalho, para a oração: oração, trabalho e estudo...²⁰.

Digo que o convento era como uma cidade à parte da cidade porque, para a comunidade ipuaranense, havia sempre a preocupação de manter-se auto-suficiente, por isso a existência das mais diversas oficinas dentro do Convento, que garantiam o seu funcionamento e manutenção. Havia oficina mecânica que lidava com os trabalhos de encanações, motores e instalações elétricas; havia oficina de marcenaria ou carpintaria, responsável por fazer os móveis da Casa, de modo que nenhum móvel do convento foi comprado de fora, e sim fabricado internamente; havia oficina de alfaiataria que dava conta da feitura e reparos nas roupas dos padres e alunos, assim como a oficina de sapataria; havia também padaria própria; e todas essas oficinas funcionavam a serviço do convento. Também para suprir a questão da alimentação da grande quantidade de alunos e padres que ali viveram por muitos anos, havia dentro do sítio pertencente aos franciscanos, plantações de gêneros alimentícios, principalmente, frutas e verduras, e criações de animais como galinhas, porcos e gado também. Era necessária toda essa estrutura para sustentar um Colégio que abrigava, na época do auge (décadas 1950-1960) cerca de 200 alunos, morando em suas dependências, já que funcionava em regime de internato. Tudo isso impressionava as pessoas da região que estavam acostumadas a uma agricultura, geralmente, de subsistência e pequenas criações de animais em seus sítios.

Galinha? Quando eles iam matar galinha, eram vinte, trinta galinhas que matavam, era só pro pessoal de casa, fora porco, fora pato... Porco era tão grande que tinha que matar de fuzil, vinham pegar o sargento aqui de Lagoa Seca, sargento Nerso(sic), era o delegado daqui, os padres vinham buscar ele aqui pra matar os porco do Convento que era tão grande que machado não matava²¹.

Nos depoimentos de Frei Anésio, uma frade que reside em Ipuarana à 63 anos, se destacam a consagração dos tempos áureos de Ipuarana, bem como a ideia de que a cidade de Lagoa Seca teria crescido “à sombra do Convento”, noção que também é perceptível em alguns moradores, como vemos na seguinte fala: “E o desenvolvimento de Lagoa Seca foi justamente com a chegada aqui do convento. Aliás, Lagoa Seca cresceu à sombra daqui.”²²

Dado o relativo isolamento, o contato da comunidade estabelecida no convento com a sociedade se dava mais precisamente nas questões religiosas, já que eram os frades do

²⁰ Cícero Agostinho. Entrevista concedida à autora em 19/03/2014.

²¹ Noel Alves Monteiro. Entrevista concedida à autora em 14/01/2014.

²² Idem.ib. ibidem.

convento que assistiam a população de Lagoa Seca nesse sentido. Mas, uma vez que o Colégio que ali funcionava visava a formar frades, o contato dos alunos com a cidade não era tão benquisto. Eram os padres do Convento que, além de professores, tinham sua função sacerdotal junto à população. Entre as atividades desempenhadas, revezavam-se para celebrar várias missas durante o dia na igreja do Convento, também celebravam nas capelas vizinhas e nas comunidades rurais.

Eles ficavam no convento, mas tinha deles um que tomava conta lá da igreja do Amaragi, outro tomava conta da do Genipapo e cada padre tomava conta de uma igreja. Eles saíam pra celebrar e cada uma já tinha um cavalo, que naquela época pra ir as viagens deles, todo padre tinha o cavalo dele pra poder ir celebrar missa, fazer a reunião, fazer a confissão onde o povo chamava, eles montava no cavalo e ia confessar²³.

Um dos principais pilares desse contato entre a comunidade franciscana de Ipuarana e o povo de Lagoa Seca era através da catequese ministrada pelos frades. Frei Manfredo, um dos três padres fundadores de Ipuarana, era quem comandava as atividades pastorais de catequese. Ele foi o frade franciscano que estabeleceu um contato bastante próximo com a população, organizando centros de catecismo e pregando em retiros populares em diversos lugares. A atividade de catequese era destinada em geral às crianças, mas também atendia a jovens e adultos.

De início, como relatado por alguns ex-alunos, apenas os padres saíam do Convento para os trabalhos espirituais junto ao povo, mas após uma maior abertura da Igreja iniciada com o Concílio Vaticano II, os alunos seminaristas passaram a sair mais do Convento, de modo que aqueles alunos mais adiantados passaram a ser responsáveis também por catequizar as crianças da região, auxiliando os padres.

Também o ensino teve uma maior abertura após a realização desse Concílio, de modo que os alunos dos últimos anos, apesar de morarem no Convento, iam estudar em colégios de Campina Grande, a exemplo do Colégio Pio XI.

Contudo, o Convento em Lagoa Seca não representava apenas a presença dos franciscanos atuando nas práticas e rituais religiosos da região. A presença do convento em Lagoa Seca, também era símbolo de modernidade, pois através dessa instituição, a população tinha contato com elementos, como a luz elétrica, que só iria ser instalada no distrito em 1958,

²³ Pedro da Rocha Anacleto. Entrevista concedida à autora em 25/01/2014.

e que já existia no convento desde 1941. E isto impressionava a população local, como nos revela a fala do senhor Noel Alves Monteiro:

[...]tinha motor muito grande, que nesse tempo não tinha luz aqui em Lagoa Seca não, era tudo no escuro, e lá no convento só tinha luz no convento, a gente ficava embelezado com a luz do convento, aquilo clareava tudo, era muito bonito...²⁴

Segundo Santos (2007)²⁵, a rede elétrica foi instalada em Lagoa Seca em 24 de agosto de 1958, e era gerada por um motor a diesel que funcionava na Rua José Caetano de Andrade, que ficou, por esse motivo, conhecida como Rua do Beco do Motor. O fornecimento de energia elétrica tinha hora para começar a funcionar e para terminar: de 5 horas da tarde até as 10 horas da noite. Mas vez por outra, os moradores davam um “jeitinho” para ter a luz elétrica por mais tempo, como por exemplo, pagar uma “gorjeta” ao funcionário responsável pelo motor para que ficasse ligado até o fim de uma festa.

A iluminação pública foi instalada em Lagoa Seca em 29 de maio de 1966, quando esta já havia sido elevada à condição de cidade. Ainda segundo Santos (2007)²⁶, a instalação da energia elétrica foi trazida pelo então prefeito Francisco Camilo, através de um convênio do Departamento Autônomo dos Serviços elétricos de Campina Grande.

A fundação da primeira escola pública de Lagoa Seca também esteve intimamente relacionada com a ação dos frades franciscanos junto à comunidade. A falta de escolas públicas na região era uma grande preocupação para os pais que, em geral, não tinham como pagar a educação dos seus filhos, tendo em vista que a única forma de estudar era pagando professores particulares.

No período de formação do município de Lagoa Seca, houve algumas iniciativas para criação de escolas públicas, nessa localidade que ainda pertencia a Campina Grande, mas sem sucesso.

Daí o vigário que nessa época era frei Manfredo o padre começou a abrir o colégio, que Lagoa Seca não tinha uma escola, apesar de ser de Campina Grande, mas não tinha UMA escola sequer, não tinha. Aí frei Manfredo fez daquilo ali um colégio²⁷.

²⁴ Entrevista concedida em 14/01/2014.

²⁵ SANTOS, Elizângela Jerônimo. **TARIMBA: Aspectos Históricos e Culturais de Lagoa Seca (1929-1969)** – Bauru, SP: Cana6, 2007. P.127

²⁶ Idem. Ibid

²⁷ Noel Alves Monteiro. Entrevista concedida à autora em 14/01/2014.

A primeira escola pública em prédio fixo foi organizada pelos frades num prédio onde funcionava a casa de farinha de mandioca. O prédio fica na Rua José Jerônimo da Costa. Foi em 1949 que Frei Manfredo, frade franciscano que então desempenhava as funções de pároco de Lagoa Seca, era o chamado capelão, ele solicitou o prédio ao então governador da Paraíba Rui Carneiro e lhe foi cedido para fins educacionais. Segundo Santos (2007), alguns dias depois, Frei Manfredo conseguiu com o governo da Paraíba uma verba de Cr\$ 70.000,00 para a construção da escola, com a qual o prédio foi reformado, sob a direção de Frei Amadeu. A escola passou a funcionar com o nome de Escola Paroquial São José.

Nos primeiros anos de funcionamento da escola, os frades atuavam diretamente na educação das crianças e o catecismo era ministrado nas salas de aula. Mas além do ensino religioso da parte dos frades, havia as professoras contratadas pela prefeitura Municipal de Campina Grande, pelo Estado e pela Paróquia. A escola atendia de 1ª à 4ª séries.

“Frei Constantino, pároco da cidade, além de suas atividades como orientador espiritual, fazia o papel de orientador pedagógico. O próprio Frei Constantino dava as aulas e preparava as professoras para ensinar religião e as outras disciplinas”²⁸.

Após receber uma reforma em seu prédio, a escola passou a atender pelo nome de “Grupo Escolar Frei Manfredo” em homenagem ao franciscano que teve importante participação na fundação dessa instituição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vemos, portanto, que os pilares de desenvolvimento de Lagoa Seca, como cidades, dentre eles, a aquisição de luz elétrica e escola pública se verificaram decorrente de vários acordos entre as elites locais e iniciativas pessoais, e que igreja e política tinham relação bem próxima, como bem demonstra a fala do senhor Noel:

Porque ficava combinado assim, os padres que vinha para aqui trabalhavam de acordo com o prefeito e o prefeito de acordo com o delegado, era as três autoridade maior na cidade: prefeito, delegado e vigário²⁹.

²⁸ SANTOS, Elizângela Jerônimo. **TARIMBA: Aspectos Históricos e Culturais de Lagoa Seca (1929-1969)** – Bauru, SP: Cana6, 2007. P.127

²⁹ Noel Alves Monteiro. Entrevista concedida à autora em 14/01/2014.

Contudo, devido ao período em que o Convento franciscano de Ipuarana se estabelece e desenvolve suas atividades coincide com o período em que a localidade de Lagoa Seca está crescendo, a ponto de se constituir uma cidade, é que muitos dos depoentes se referem a um crescimento, não somente paralelo, mas condicionado, de modo que também é recorrente a ideia de que a cidade “cresceu à sombra do Convento”. E de fato foi, de um modo literal, já que o embrião de desenvolvimento do núcleo urbano surge numa “baixa” onde havia uma lagoa, e o Convento vai ser instalado num ponto mais elevado do terreno. Mas, não é possível se atribuir o desenvolvimento de Lagoa Seca, como fenômeno urbano, somente à presença dos franciscanos, através do Convento nesta localidade. Uma breve observação da formação urbana de Lagoa Seca revela que esta tem seu núcleo de concentração populacional nas margens da rodovia Br 104, onde se desenvolveu uma atividade comercial, em virtude do movimento na dita rodovia. Porém, como afirmei no início deste capítulo, uma cidade é formada, não somente por uma concentração de população, nem também somente pela existência de uma atividade econômica, o fator cultural exerce grande importância na constituição e manutenção de determinada comunidade. E, do ponto de vista cultural, é inegável a influência dos franciscanos na formação dessa sociedade.

A presença dos franciscanos repercutiu de várias formas na vida da sociedade lagoasequense, tanto com a intensificação das práticas religiosas com a atuação dos frades na assistência espiritual, como com o incentivo à educação pública com o esforço dos frades para a fundação da primeira escola, mas também pela própria presença da instituição do Colégio Seráfico nesta localidade que iria atrair outros grupos religiosos, como os Maristas que também fundaram uma Casa bem próxima à dos franciscanos. A vinda desses religiosos trouxe novidade e atividade para o pequeno distrito, que enquanto a comunidade franciscana desenvolve sua atividade interna na formação de religiosos para a Província, ascende à condição de cidade, através da emancipação política que a separa de Campina Grande.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*, 3 ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- ALBUQUERQUE, João Batista de. *Minhas Memórias de Ipuarana*- Garanhuns: Tyoflan, 2000.
- ALBUQUERQUE, João Batista de; MORAES, José Clotário Dantas (coordenadores) **IPUARANA:70 ANOS**, Recife: Editora Nossa Livraria , 2009.
- BARROS, José D’Assunção. **Cidade e história**. 2. Ed. Petrópolis- RJ: Vozes, 2012.

- BECKER, Jean-Jacques *O handicap do a posteriori*. In: **Usos e abusos da história oral**. Organizadoras: Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado. Editora Fundação Getúlio Vargas. 8ª edição, 2006. P.28.
- BURKE, Peter. **Variedades de História Cultural**. Tradução de Alda Porto. 3ª edição; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- CARNEIRO, Júlio César Alves. **Trajatória e cotidiano dos franciscanos na história do Brasil**: em seus capítulos na capitania da Paraíba e rainha da Borborema. Monografia (licenciatura em História) – UEPB. Campina Grande, 2011.
- CARVALHAL, Juliana Pinto. **Maurice Halbwachs e a questão da Memória**. Revista Espaço Acadêmico, nº56, janeiro/2006. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/056/56carvalhal.htm>> acesso em 10/05/2014.
- CRÔNICA DO CONVENTO DE IPUARANA 1940-1975.
- CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Tradução Cristina Antunes. 2ª edição- Belo Horizonte: Autêntica editora, 2010.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão...[et al.] 3º edição. Campinas – SP: Editora UNICAMP, 1994.
- PEREIRA, Carlos Almeida. **IPUARANA 2000**: Refazendo uma caminhada. Belém –Pa: 1999.
- SANTOS, Elizângela Jerônimo dos. **De Vila a Cidade**: memória histórica de Lagoa Seca- PB (de 1929 a 1064). Monografia (especialização em História do Brasil) – UEPB. Campina Grande, 2005.
- SANTOS, Elizângela Jerônimo dos. **TARIMBA**: Aspectos Históricos e Culturais de Lagoa Seca (1929-969)-Bauru, SP:Canal6, 2007.